



A TRIBUNA

ROBERTO MÁRIO SANTINI (DIRETOR-PRESIDENTE)

Santos-SP
Ano 112 N. 129

Segunda-Feira, 1 de Agosto de 2005

Chip será mais barato que água

Da Reportagem

Qual o custo de uma casa com os mais modernos princípios da domótica? Para o engenheiro Caio Bolzani isso vai depender basicamente do grau de sofisticação que se pretenda alcançar. Em geral, tomando como base um imóvel de R\$ 500 mil, a sua automação sairia por cerca de 25% desse valor. Isso com base nos preços e nas atuais limitações tecnológicas e sociais. À medida que a interação for crescendo entre ser humano e máquinas, esse custo irá cair, da mesma forma que novidades mais dispendiosas irão surgindo.

"A interface é o grande trunfo", afirmou Bolzani. Ou seja, na medida em que as indústrias oferecerem sistemas capazes de desenvolver múltiplas funções, cada vez mais simples de serem programados e usados, mais a casa inteligente irá progredir.

Além de conforto e segurança, essa nova realidade estará apta também a lidar com a escassez dos recursos naturais, como água e eletricidade. "Um chip de computador ficará muito mais barato do que um litro de água", afirmou o especialista.

Isso permitirá que os custos dessas transformações sejam bancados pelas chamadas 'esco' (sigla em inglês para empresa de conservação de energia). É o caso, por exemplo, do Condomínio Avenida Brigadeiro Faria Lima, na Capital. Esse prédio de 22 andares, encravado em uma das áreas mais nobres de São Paulo, já 'sentia' a fadiga de seus mais de 20 anos, resultando em aumento nos gastos com água e luz.

Irreversível

Com o apoio da AEG Eletropaulo e da 'esco' Vitalux, o condomínio foi reformado, obtendo 47% de economia nos gastos hídricos e elétricos - algo da ordem de R\$ 650 mil ao ano, segundo o síndico, Osmar Malavasi. Nos próximos cinco anos, 90% do valor economizado serão repassadas às empresas financiaram a obra. No final do contrato, todas as melhorias se incorporarão ao patrimônio dos condôminos. Além de afastar o fantasma dos apagões ou racionamentos, o acordo também ajuda as empresas a cumprirem a meta estabelecida pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Pela lei 9.991, de 2000, as distribuidoras devem aplicar 0,5% da receita líquida em ações contra o desperdício.

Por enquanto, explicou Bolzani, a segurança ainda é o mais forte apelo da casa inteligente. A economia vem em segundo lugar, seguida pelo conforto. O limite? A individualização total. "Isso é irreversível", afirmou. Tanto que os sistemas a serem criados e administrados pelos futuros 'integradores de automação residencial' irão, pouco a pouco, migrar para nossas roupas e, em uma segunda etapa, para o nosso próprio corpo. Mas isso é uma outra história, uma nova etapa, ainda a espera de novidades que sequer sonhamos.